



XVII SICTI

Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT

Simpósio de Inovação Tecnológica

CIÊNCIA e COOPERAÇÃO na AMAZÔNIA

16 a 19 de
Setembro

IFPA Campus Bragança

A morte: uma análise estética e filosófica

Autor: Helder Nunes da Silva Junior¹

Co-autor: Rodrygo Rocha Macedo²

Área do conhecimento/Subárea: Área 07 - Ciências Humanas/Filosofia

ODS vinculado: 4-Educação de qualidade

Resumo

O conceito de morte se encontra entre os temas mais importantes da discussão filosófica, pois trata do sentido da existência e da finitude humana. No existencialismo francês, Jan-Paul Sartre (1905-1980) a interpreta não como evento das escolhas humanas, mas como interrupção absurda da liberdade alheio ao projeto vital. Em *O Ser e o Nada* (1943), ele afirma que a morte rouba a possibilidade de a pessoa existir em sociedade, tornando a vida uma "realização limitada". Contudo, a arte surge como resposta ao absurdo, conferindo sentido simbólico ao incompreensível. Este trabalho analisa como a filosofia sartriana dialoga com duas representações artísticas da morte: *A Morte de Sócrates* (1787), de Jacques-Louis David, e *Antes do Fim* (2015), de Paula Sampaio. A pintura neoclássica e a fotografia contemporânea, embora distantes no tempo e técnica, revelam estratégias estéticas para enfrentar a finitude e o absurdo da morte. Enquanto David retrata Sócrates aceitando a morte com racionalidade, Sampaio captura a morte como fenômeno cotidiano na Amazônia, vinculando-a ao contexto existencial local. Ambas as obras, sob a ótica sartriana, mostram a arte como gesto de resistência: mesmo diante do silêncio da morte, o ser humano insiste em criar significados. Assim, a morte, embora absurda, inspira a criação.

Palavras-chave: Morte, existencialismo, filosofia da arte, Amazônia

Introdução

A morte sempre foi um grande tema na filosofia, despertando questionamentos sobre o sentido da existência, a liberdade e a finitude humana. Desde a antiguidade, pensadores tentam explicar a morte e compreender seu significado, seja como uma passagem para outra existência ou como fim absoluto da vida. No entanto, a morte não é apenas um evento biológico; ela carrega implicações existenciais profundas que afetam nossa maneira de viver e agir. Ao longo da história do pensamento filosófico, o existencialismo surge como uma que enfrenta a morte de forma singular. Jean-Paul Sartre (1905-1980), um dos principais representantes dessa corrente, rejeita qualquer

¹ Estudante do Curso de Informática Integrado ao Nível Médio - 1o Ano, Instituto Federal do Pará - Campus Breves; discente voluntário do Projeto *Estética e Filosofia da arte: conexões entre arte e política* (Edital 05/2024 – PIBICTI/PROPPG/IFPA/CNPq). E-mail: helderjr0183@gmail.com.

² Professor de Filosofia do Instituto Federal do Pará - Campus Breves. Coordenador do Projeto *Estética e Filosofia da arte: conexões entre arte e política* (Edital 05/2024 – PIBICTI/PROPPG/IFPA/CNPq). E-mail: rodrygo.macedo@ifpa.edu.br.



XVII SICTI

Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT

Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**

**16 a 19 de
Setembro**

IFPA Campus Bragança

significado transcendental para a morte e a encara como um limite absoluto que não pode ser propriamente experimentado pelo sujeito.

Neste trabalho, buscaremos discutir dois aspectos. No primeiro aspecto, explicaremos o modo de Sartre conceber a morte, destacando sua relação com a liberdade, a angústia e a responsabilidade humana. No segundo aspecto, faremos uma análise de como tais conceitos de Sartre se encontram presentes no quadro *A morte de Sócrates* (1787), do pintor francês Jacques-Louis David (1748-1825), e da fotografia *Antes do fim* (2015), da fotógrafa mineiro-paraense Paula Sampaio

(1965). A proposta é que a análise das imagens mencionadas, na perspectiva da filosofia da arte, possuem características que as aproximam, ainda que as épocas e lugares sejam diferentes. Haverá uma ênfase das noções existencialistas aplicadas à fotografia selecionada, aproximando a filosofia de Sartre ao contexto vivencial amazônico.

Para Jean-Paul Sartre, a morte não é tratada como algo negativo ou uma falta, mas uma interrupção da liberdade humana. Ao explicar que os seres humanos só podem colocar em prática o seu ser em presença de outras pessoas, a morte é uma eliminação dessa possibilidade de vida conjunta, conforme está descrita a seguinte afirmação encontrada na obra *O ser e o nada*: "morrer não é perder a própria objetividade no meio do mundo: todos os mortos estão aí, no mundo à nossa volta; morrer é perder toda possibilidade de se revelar como sujeito a um outro." (Sartre, 2011, p. 378).

A morte como interrupção desse convívio com os outros também retira a possibilidade de o indivíduo dar um sentido para a sua vida. Esse risco de ausência de sentido é o que Sartre chama de "medo". Isto porque a morte não se encontra no projeto de liberdade do indivíduo. Nenhuma pessoa escolhe morrer, visto que a morte é um acontecimento externo e independente das escolhas da pessoa. Logo, a morte é uma "realização limitada" (Sartre, 2011, p. 657) ou um acidente, algo imprevisível. Portanto, a morte não se encontra no fundamento da liberdade, mas tira da vida a sua "significação" (Sartre, 2011, p. 660). É isto que leva Sartre chamar a morte de "absurdo". É por isso que Sartre admite que "É absurdo que tenhamos nascido, é absurdo morreremos". (Sartre, 2011, p. 670).

Porém, o absurdo e a falta de significação que a morte traz à existência podem ser interrompidos ou desviados pela atividade estética. A arte, como atividade humana, pode dar um significado, na dimensão simbólica, a um evento sem significação, que é a morte. Às vezes esse significado pode ser incompleto ou não bem sucedido. O importante é que a tentativa humana de explicar o que não pode ser explicado é válida para aproximar a existência de um acontecimento que escapa essa mesma existência.

Como exercício de dar sentido ao que não tem sentido nenhum, foram escolhidas duas formas de representação artísticas que tratam do tema da morte: *A morte de Sócrates* (1787), do pintor francês



XVII SICTI

Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT

Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**

**16 a 19 de
Setembro**

IFPA Campus Bragança

Jacques-Louis David (1748-1825), e da fotografia *Antes do fim* (2015), da fotógrafa mineiro-paraense Paula Sampaio (1965). A escolha de duas formas distintas de técnica artística (pintura e fotografia) foi motivada para que fossem identificados sentidos sobre o tratamento da morte que não fossem exclusivos de uma forma de arte específica.

Metodologia

A pesquisa é teórica sobre os temas discutidos no *Grupo de Pesquisa Estética e Filosofia da Arte: conexões entre arte e política*. As obras consultadas são as dos autores citados, bem como sua tradução em português e outros idiomas, quando houver. O trabalho apresenta um exemplo de interpretação da imagem a partir da perspectiva da filosofia da arte. A pesquisa é teórica, sendo obtida da comparação entre o texto de Sartre sobre a morte e a análise de impressões sobre uma obra de pintura e uma fotografia.

Resultados e Discussão

A análise simultânea da pintura *A morte de Sócrates* e da fotografia *Antes do fim* levam às seguintes considerações: A análise da pintura neoclássica *A Morte de Sócrates* e da fotografia *Antes do Fim* permitiu perceber diferentes formas de enfrentamento da morte e a complexidade estética de sua representação. Em ambas as obras, a morte se apresenta como tema central, mas a abordagem simbólica e filosófica difere radicalmente, revelando não apenas a técnica distinta de cada artista, mas também as tensões entre cultura, tempo histórico e concepções existenciais.

Na pintura neoclássica de Jacques-Louis David, elementos como a escuridão ao redor da cena, o olhar distante de Platão, o carrasco envergonhado e o desespero dos discípulos contrastam com a postura firme e serena de Sócrates, que estende a mão para o veneno. A imagem sugere que, para Sócrates, a morte não é uma perda, mas uma transição coerente com sua filosofia. Sua aceitação tranquila é sustentada por sua crença na imortalidade da alma e pela certeza de ter vivido segundo suas ideias. No entanto, à luz do existencialismo sartriano, essa convicção pode ser lida de outra forma: como uma tentativa de dar sentido ao absurdo, de resistir à imprevisibilidade e à ausência de significado que a morte impõe. Mesmo sem compartilhar da ideia da alma, Sartre reconheceria nesse gesto um esforço simbólico de manter a liberdade diante do inevitável.

Já na fotografia *Antes do Fim*, de Paula Sampaio, não há lugar para transcendência. O corpo de uma criança morta, rodeado por olhares vazios ou desviados, encarna o abandono e a impotência. Algumas pessoas encaram a câmera, como se exigissem que o observador também carregasse o peso daquela cena. Outras olham para o corpo ou para o nada, como que imersas em um luto que



XVII SICTI

Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT

Simpósio de Inovação Tecnológica

CIÊNCIA e COOPERAÇÃO na AMAZÔNIA

16 a 19 de
Setembro

IFPA Campus Bragança

ultrapassa o sofrimento individual e se confunde com a experiência coletiva amazônica. Aqui, a morte é apresentada como perda completa, irreduzível. O absurdo sartriano está presente em sua forma mais crua: não há consolo, apenas o impacto da interrupção.

Do ponto de vista existencial, esse estudo permitiu compreender que a morte, para Sartre, representa o absurdo supremo: não escolhemos nascer, tampouco morrer. Estamos, contudo, “condenados à liberdade” enquanto vivemos. Diante disso, a arte surge como tentativa de dar forma ao que não possui forma, de enfrentar o silêncio com um gesto — ainda que trágico — de criação. Como cristão, esse mergulho na filosofia existencialista não anulou a minha fé, mas a enriqueceu, ao mostrar que, mesmo diante do absurdo, o ser humano insiste em buscar sentido. Sócrates, embora pré-cristão, já apontava para a possibilidade de uma vida com sentido além da morte, reafirmando a dignidade de uma existência coerente até o fim.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPG) e ao Instituto Federal do Pará (IFPA) pelo apoio institucional, bem como ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo incentivo e fomento à pesquisa.

Referências

COSTA, Roberto Marques. A concepção da morte no existencialismo de Heidegger e Sartre. *Revista Contemplação*, (26). Recuperado de <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/306>.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio d ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes: 2011.